

O USO DOS TEXTOS SAGRADOS EM ENSINO RELIGIOSO. ALGUMAS NOTAS PARA NÃO CAIR NO DISCURSO DOCTRINÁRIO.

SILVA, Rafael Rodrigues da (PUC/SP)

O objetivo desta comunicação no simpósio sobre o Ensino Religioso no Brasilⁱ consiste na tentativa de analisar: Quais os textos sagrados são utilizados nas aulas? Como esses textos são utilizados? Quais as linhas de interpretação? A partir deste mínimo mapeamento, tentaremos lançar alguns questionamentos e algumas perspectivas para que a disciplina de Ensino Religioso não seja mais uma análise do fenômeno religioso sem a perspectiva da religião e suas interfaces, nem tampouco que seja transformada num aprisionamento doutrinal e catequético. Enfim, pretendemos nesta comunicação aguçar nossos olhares para que a dinâmica do Ensino Religioso nas escolas não caia nas armadilhas da doutrina de uma religião, nas discussões e intrigas intra-religiosas e que se possa pensar esta disciplina de maneira ampla e numa perspectiva macro-ecumênica (por isso anti-ortodoxia).

O ensino religioso, historicamente esteve ligado aos interesses e a grande influência da Igreja Católica na sociedade brasileira. Talvez aqui esteja um dos fatores do embate ao redor da obrigatoriedade ou não do ensino religioso nas escolas públicas, pois para alguns representa a manutenção da interferência do poder eclesiástico, enquanto que para outros é possível a obrigatoriedade do ensino religioso no sistema educacional desde que seja vedada qualquer prática proselitista. Nesta perspectiva é que se tem projetado uma concepção de que o Ensino religioso deve abranger um estudo do fenômeno religioso em sua pluralidade. Com isso, o estudo das religiões sob o olhar de cientistas sociais, de antropólogos e dos historiadores, se apresenta como parte de um patrimônio histórico-social coletivo, salvaguardando a dimensão da experiência pessoal. O ensino religioso passa a ser caracterizado no âmbito das ciências humanas como uma forma de abordar as práticas religiosas levando em conta os valores e princípios éticos que norteiam uma vivência de acordo com a mútua tolerância e compreensão da religiosidade do outro.ⁱⁱ

Diante de temas polêmicos que são “ocupados” por definições e diretivas morais e religiosas, cabe à educação escolar o exercício de uma “formação para o exercício reflexivo, a capacidade de busca de elementos e subsídios para uma decisão informada, assim como em particular a compreensão das repercussões das próprias

decisões sobre os outros. São capacidades humanas que independem de conteúdos religiosos, embora quem os tenha, venha a encontrar ali uma das fontes mais relevantes, conforme suas próprias prioridades, para a decisão”ⁱⁱⁱ. Nas trilhas da compreensão de um estudo das religiões e das religiosidades nas escolas, podemos afirmar que se torna necessário e urgente refletir acerca da relação entre religião e cultura^{iv}; bem como, levar em conta a disputa acirrada entre as várias religiões pelo “mercado de bens simbólicos”^v e a clareza de que o ensino religioso não pode ser reduzido a uma mera inculcação de valores religiosos nos alunos.

Nesta direção, Lara Sayão entende ensino religioso “como uma oportunidade de humanização e promoção do ser humano e da sociedade... que faz vislumbrar uma metodologia dialógica que promove uma síntese entre fé e cultura...”^{vi}. Resulta daí que não se pode imaginar ou projetar o Ensino religioso como aulas de boas maneiras ou de história, nem tampouco como catequese ou campo de guerra religiosa.

À luz das questões aí postas gostaria de lançar um olhar para o uso dos textos sagrados em ensino religioso, pois, uma leitura e interpretação crítica dos textos tem e deve levar em conta as diferentes culturas e tradições religiosas presentes em nossa sociedade. Para uma conversa inicial aponto dois aspectos cruciais para que a leitura dos textos sagrados não sejam aprisionados pelas teologias confessionais e institucionais: a hermenêutica como uma ferramenta imprescindível e o ensino dialógico e autêntico.

A hermenêutica dos Textos Sagrados.

A Hermenêutica ocupa um papel importante no campo da construção das teologias e das Ciências das Religiões contextualizadas, pois invocam a legitimidade das interpretações situadas ou que o próprio discurso sagrado com as suas sacralidades demonstrem a sua relatividade histórica e cultural. Assim, a hermenêutica como uma ferramenta que nos aproxima dos textos sagrados, paulatinamente nos obriga a sempre perguntar e a explicitar na leitura o para que se interpreta, quem interpreta, o que se interpreta e como se interpreta^{vii}. Estes passos contribuem para uma abertura na compreensão dos fenômenos religiosos, permitindo ao leitor tomar a sério a historicidade e as tradições enquanto sacralidades do presente e do passado, que se apresentam em permanentes transformações. A hermenêutica ao perguntar

pelo significado dos textos nos ajuda a recuperar no âmbito da sacralidade religiosa o caráter provisional da teologia.

Sören Kierkegaard partindo da leitura de Tiago 1,22-27 (aquele que ouve a palavra de Deus e a segue é como uma pessoa que olha no espelho e passa a se lembrar do que vê dali em diante) alerta contra o erro de se passar a examinar o espelho, em vez de olhar-se no espelho. “Existe alguma coisa no texto que reflita uma realidade independentemente da atividade interpretativa do leitor, ou o texto apenas reflete a realidade do leitor?”^{viii} Kierkegaard utiliza ainda as imagens da carta de um amante e de um decreto real para explicitar os objetivos da interpretação. “O propósito da interpretação não é mais recuperar e relacionar-se com uma mensagem vinda de alguém diferente de nós, mas precisamente evitar tal confronto. O empreendimento da interpretação é um impedimento: constantemente produzir leituras para impedir que se responda ao texto”^{ix}.

Revisitando o livro de Carlos Mesters que elabora algumas ferramentas importantes para a leitura dos textos bíblicos, podemos vislumbrar alguns pontos importantes para uma leitura atenta dos textos sagrados na sala de aula (na dinâmica do Ensino Religioso)^x. Ei-los:

- 1) descobrir a teologia subjacente aos textos sagrados
- 2) redescobrir através dos desafios morais e sociais o papel interdisciplinar da teologia
- 3) O aprofundamento das religiosidades na perspectiva de um estudo dos textos sagrados em conaturalidade com o tempo presente
- 4) Ler o texto com atenção a fim de perceber o que está por trás das palavras
- 5) Seguir alguns passos: colocar e explicitar os problemas atuais; conhecer o texto sagrado e o seu conteúdo; procurar descobrir os problemas e a situação que o texto descreve; analisar a situação narrada e perceber a resposta sugerida pelos autores do texto e refletir acerca das perspectivas que o texto apresenta para hoje^{xi}.

Muitas vezes as dificuldades da leitura dos textos sagrados estão nos nossos próprios olhos. Ou seja, no jeito como nos aproximamos dos textos. Os nossos olhos e as nossas práticas tratam de criar as barreiras. Seja na prisão da letra que produz uma

leitura fundamentalista que não leva em conta o contexto histórico, seja numa leitura doutrinária que busca textos para justificar ou provar uma doutrina. Isto acontece, por exemplo, quando lemos as primeiras páginas da Bíblia (Gn 1-11) fora de seu contexto histórico, literário e cultural; a figura de Abraão nos textos do Alcorão; a leitura errônea dos Evangelhos como uma mera biografia de Jesus. Daí, podemos deduzir que muitos dos textos sagrados e as tradições construídas em seu redor foram se constituindo como um conjunto de textos intocáveis e muito “ocupados”, isto é, já são apresentados com uma interpretação fechada. Enxergamos estas ocupações numa certa mentalidade positivista que descarta muitos textos com o critério da veracidade (se não é comprovado o que está dito, então estamos diante de um texto-invenção ou diante de uma grande mentira); outra forte ocupação está na dogmática religiosa que ao utilizar um texto como fundamento de seus dogmas e doutrinas, acabam fechando o texto (seguindo a intuição de Kierkegaard podemos dizer que as doutrinações não permitem que o texto possa dizer algo para o leitor e o seu cotidiano).

Carlos Mesters diz que “a contribuição do povo não está do lado dos óculos, mas do lado dos olhos. Nos olhos do povo está reaparecendo a visão certa com que os cristãos devem ler e interpretar a Bíblia. Por isso, a interpretação popular é um alerta para os fabricantes de óculos, os exegetas. Pois os óculos devem ser feitos de acordo com os olhos, para que seja melhorada a visão. Quando os olhos devem adaptar-se aos óculos, a vista se estraga e o mundo escurece”^{xii}. Esta imagem podemos jogar para a leitura diferente das doutrinações que são produzidas do Alcorão (Islamismo), da Tanak (Lei, Profetas e Escritos do Judaísmo), do Tri Pitakas do Budismo e suas três seções: o Sutra-Pitaka (Sermões), o Vinaya-Pitaka (Preceitos da Fraternidade Budista) e o Abhidarma-Pitaka (Comentários), do Bhagavad-Gita (Hunduísmo), do Novo Testamento (Cristianismo). Nesta direção, digo que um entrave no entendimento e aceitação do texto sagrado reside nos óculos que apresentamos para o outro, pois este vem acompanhado de alguns graus, os quais podem ajudar, quanto (em grande parte) atrapalhar e ofuscar a visão^{xiii}.

Tomemos como exemplo as primeiras páginas da Torá (Gênesis 1-11), textos míticos que tratam das origens. Estes textos são muito visitados e carregados de interpretações. Ao ler estes capítulos vamos nos deparar com textos extremamente ocupados pela teologia moral, pela teologia dogmática e pela interpretação alegórica. Nas salas de aula podemos, de um lado, reforçar as interpretações catequéticas e doutrinas vindas da tradição cristã e judaica e, por outro lado, criar uma aversão que

pode criar constrangimentos, conflitos com religiosidades e concepções religiosas dos alunos. Para libertar estes capítulos das prisões, ocupações e interpretações é preciso ter presente que eles se esmeram em olhar para o presente e para a realidade sofrida do povo. Os grupos que estão por trás das narrativas da criação intentam ler o presente para dentro do passado. Por isso não estão preocupados em descrever a história das origens procurando demonstrar veracidade, mas na mais sutil descrição da situação que estão vivendo. Situação carregada de suor e dores. A chave de leitura destes capítulos se encontra na dor, no suor, na esperança e na resistência.

Há que considerar na leitura destes capítulos junto com os alunos o seu caráter generalizante e a sua linguagem extremamente simbólica (por exemplo: a serpente que fala, o jardim das delícias (Éden), o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal e o fruto da árvore da vida, a criação do homem do barro e a mulher que é criada da costela, a arca e os gigantes, a cidade e a torre) e as suas formas de linguagem (genealogias, sagas, material mitológico e narrativas didáticas).

Num olhar panorâmico dos capítulos 1-11 do Gênesis veremos que se trata de um texto organizado de forma concêntrica. É como o corte de uma cebola. As genealogias dos capítulos 1 e 11 são como a “casca de fora” da cebola. Depois, vem o paralelo entre as histórias de Adão e Eva, Caim e Abel de um lado e a Torre de Babel do outro lado. São histórias de “culpa e castigo”. De novo em seguida, temos duas genealogias (capítulos 4 e 10). Em 6, 1-4 e 9, 18-38, encontramos histórias que dizem respeito às relações entre Israel e Canaã. Gênesis 6,5-9,17: é a história do dilúvio, o “miolo da cebola”. É a negação da criação. Os temas têm continuidade e ligações^{xiv}.

Faz-se necessário na leitura de Gênesis 1-11 a compreensão de cada texto surge numa determinada conjuntura e, certamente, foram produzidos por diferentes grupos a partir de lugares sociais determinados. Assim, o primeiro relato da criação (Gn 1,1-2,4a) foi produzido entre os VII e VI século a.E.C. (conjuntura dos exílios promovidos pelos impérios assírio e babilônico); enquanto que o segundo relato (2,4b-3,24) representa uma leitura profética da situação de exploração e dominação econômica em Israel e Judá no VIII século a.E.C.^{xv}

Este pode ser uma tentativa de ler os textos sagrados se desvencilhando das amarras impostas pelas doutrinas religiosas. É possível ler o texto considerando os seus diferentes aspectos (social, político, econômico, ideológico, teológico e antropológico) sem tomar a doutrina e discurso religioso como o principal guia e

direção. Vejo, que é importante na leitura dos textos sagrados a utilização das devidas ferramentas de análise. O grande obstáculo reside nos condicionamentos de fé, ou seja, a nossa aproximação aos textos é mediada pela religião e os seus mecanismos doutrinários e de ensino.

É de suma importância ter presente que os textos sagrados estão carregados de normas, ensinamentos, preceitos que tem função de regular a vida e garantir uma boa convivência social. Neste sentido, a leitura dos textos no espaço religioso e doutrinário estimula o fiel na sua adesão de fé; no entanto, o ensino religioso em escolas não confessionais deve transmitir a importância do texto sagrado com sua dinâmica e contextualização, evidentemente, sem proselitismo. Porém, podemos afirmar que o ensino religioso também pode estimular a religiosidade do aluno.

O Ensino Dialógico e autêntico

A concepção de uma disciplina que promova o diálogo e não tenha um caráter propagandístico de determinada religião ou confissão religiosa-eclesial, é algo que já se tem debatido e discutido muito nas diretrizes e parâmetros do Ensino religioso. Mesmo que se tem uma clareza e reta definição sobre o papel do ensino religioso nas escolas, pois, se para muitos esta disciplina tem uma importante contribuição na formação religiosa e espiritual do aluno; enquanto, para outros a transmissão de valores, a construção de um comportamento ético-moral pode ser ensinado independentemente das crenças.

O agente do Ensino religioso tem de respeitar a prática e vivência de cada aluno. Por isso tanto a instituição quanto o educador tem o dever de garantir a liberdade de crença e respeitar a posição e visão do outro. Vale salientar que as posições dos variados agentes da educação no que se refere à religiosidade e crença dos alunos não pode engajar a sua atividade num mero quadro de mudança de papéis institucionais na sociedade, ou seja, a escola cumprindo o que compete ao espaço religioso e este, por sua vez, exercendo funções no âmbito da política. Porém, numa dinâmica dialogal e de autenticidade do papel da religião na sociedade, é preciso ter presente que prática religiosa deve e tem de estar presente nas escolas, nos espaços públicos privados, na política, na economia e em meio aos conflitos sociais; da mesma forma que a escola, a política e outras instâncias sociais e econômicas podem e devem atuar no território religioso. A religião tem de ser constantemente interpelada pela

sociedade e a prática religiosa tem o dever de intervir e interagir nos mais variados espaços da sociedade.

Indicações Bibliográficas:

BRUSTOLIN, Leomar A. Religião e cultura. Retirado da Internet em Março/2007 no site: http://www.catedraldecaxias.org.br/textos_pe_leomar/

CROATTO, José Severino. *Hermenêutica bíblica. Para uma teoria da leitura como produto de significado*. São Leopoldo: Editora Sinodal, São Paulo: Edições Paulinas, 1986.

HAIGHT, Roger. *Dinâmica da Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2004.

FERRAZ, Lara Sayão L. A. *Religião se Aprende na Escola*. Retirado da Internet em Março/2007 do site: <http://www.hottopos.com/mirand16/laragp.htm>

FIGUEIREDO, Anísia. *O ensino religioso no Brasil: tendências, conquistas, perspectivas*. Petrópolis: Vozes, 1995.

FILORAMO, Giovanni e PRANDI, Carlo. *As Ciências das Religiões*. São Paulo: Paulus, 1999.

FISCHMANN, Roseli. Escolas públicas e ensino religioso subsídios para a reflexão sobre o Estado laico, a escola pública e a proteção do direito à liberdade de crença e de culto. *Comciência* - revista digital, n. 56, julho de 2004. <http://www.comciencia.br>

FONSECA, Alexandre Brasil. Estado e ensino religioso no Brasil. *Comciência* - revista digital, n. 56, julho de 2004. <http://www.comciencia.br>

GIUMBELLI, Emerson. Religião, Estado, modernidade: notas a propósito de fatos provisórios. In: *Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. Revista Estudos Avançados, Retirado na Interno em março de 2007: <http://www.iea.usp.br/iea/revista/coletaneas/religioes/giumbellirev52.html>*

GRUEN, Wolfgang. *O ensino religioso na escola*. 2ª ed., Petrópolis: Vozes, 1994.

GUERRIERO, Silas (org.). *O Estudo das Religiões. Desafios contemporâneos*. São Paulo: Paulinas, 2003 (Coleção Estudos da ABHR).

MEC. *Texto da Lei nº.9.394/96*.

MEC. *Texto da Lei nº.9.475/97*.

MESTERS, Carlos Mesters. *Por trás das palavras*. Petrópolis: Editora Vozes,

MESTERS, Carlos. Visão global sobre a Interpretação e o seu método. *Por Trás da Palavra*, série *A Palavra na Vida*. São Leopoldo: CEBI, n.73, pp.27-37.

MESTERS, Carlos. *Flor sem defesa*. Petrópolis: Editora Vozes, 1984.

RICOEUR, Paul. *Del texto a la acción. Ensayos de Hermenéutica II*. México: Fondo de Cultura Económica, 2ª ed., 2002.

TEIXEIRA, Faustino (org.). *A(s) ciência(s) da religião no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2001.

VANHOOZER, Kevin. *Há um significado neste texto? Interpretação bíblica: os enfoques contemporâneos*. São Paulo: Editora Vida, 2005

VATTIMO, Gianni. *Para além da Interpretação*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.

ⁱ Título do Simpósio: *A Religião na Sala de aula: Um debate Sobre o Ensino Religioso para a Proposição de uma área de Conhecimento*. Sob a coordenação do Prof. Dr. Eulálio Avelino Pereira Figueira.

ⁱⁱ Veja o artigo de Emerson Giumbelli. Religião, Estado, modernidade: notas a propósito de fatos provisórios. In: *Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA/USP)*. *Revista Estudos Avançados*: <http://www.iea.usp.br/iea/revista/coletaneas/religioses/giumbellirev52.html>

ⁱⁱⁱ Roseli Fischmann. Escolas públicas e ensino religioso subsídios para a reflexão sobre o Estado laico, a escola pública e a proteção do direito à liberdade de crença e de culto. *Comciência* - revista digital, n. 56, julho de 2004. <http://www.comciencia.br>

^{iv} Leomar A. Brustolin. Religião e cultura. http://www.catedraldecaxias.org.br/textos_pe_leomar/

^v Alexandre Brasil Fonseca. Estado e ensino religioso no Brasil. *Comciência* - revista digital, n. 56, julho de 2004. <http://www.comciencia.br>

^{vi} Lara Sayão L. A. Ferraz. *Religião se Aprende na Escola*. <http://www.hottopos.com/mirand16/laragp.htm>

^{vii} É preciso ler e tomar notas com muita atenção dos ensaios de Paul Ricoeur: *O conflito das interpretações e Do texto à ação*.

^{viii} Kevin Vanhoozer. *Há um significado neste texto? Interpretação bíblica: os enfoques contemporâneos*. São Paulo: Editora Vida, 2005, pp.18-19.

^{ix} Idem., p.20.

^x Carlos Mesters. *Por trás das palavras*. Petrópolis: Editora Vozes e “Visão global sobre a Interpretação e o seu método”, na série *A Palavra na Vida*. São Leopoldo: CEBI, n.73, pp.27-37.

^{xi} É de grande valia a compreensão dos vários métodos hermenêuticos de interpretação dos textos sagrados para conceituar filosófica e teologicamente a hermenêutica; bem como, explicitar a sua relevância para a teologia e o estudo dos textos sagrados. Indico os seguintes textos: José Severino Croatto. *Hermenêutica bíblica. Para uma teoria da leitura como produto de significado*. São Leopoldo: Editora Sinodal, São Paulo: Edições Paulinas, 1986; Carlos Mesters. *Por trás das palavras. Um estudo sobre a porta de entrada no mundo da Bíblia*. Petrópolis: Vozes; Paul Ricoeur. *Del texto a la acción. Ensayos de Hermenéutica II*. México: Fondo de Cultura Económica, 2ª ed., 2002; Kevin Vanhoozer. *Há um significado neste texto? Interpretação bíblica: os enfoques contemporâneos*. São Paulo: Editora Vida, 2005.

^{xii} Carlos Mesters. *Flor sem defesa*. Petrópolis: Editora Vozes, 1984, p.39.

^{xiii} Carlos Mesters apresenta a seguinte imagem sobre a interpretação dos textos: “...parecemos hoje como aquele franco atirador que se exercitou durante muitos anos , em atirar no mesmo alvo. De tanto atirar na mesma direção, ele chegou a fixar a espingarda num tripé e nem mais olhava para o alvo. Apenas olhava para o trabalho imediato a ser feito: colocar as balas na espingarda, manter a arma em perfeito funcionamento e puxar o gatilho na hora certa. O alvo, porém, mudou de lugar e ele, por falta de atenção no alvo, não percebeu a mudança. Continuava atirando na mesma direção e não compreendia porque todos diziam que o seu tiro não acertava mais. Algo devia estar errado. Mas ele não sabia o quê. A sua primeira reação foi examinar a espingarda e as balas. Estava tudo em ordem, funcionando

perfeitamente. Não havia o que corrigir. Só então levantou os olhos e percebeu o engano: o alvo mudou de lugar. Teve que desmontar a espingarda do tripé e apontá-la de novo na direção certa". *Por trás das palavras*. pp.45-46.

^{xiv} Eis como estes capítulos estão esquematizados:

- A** 1,1 - 2,4: Genealogia dos céus e da terra
- B** 2,4 - 3,24: História de Adão e Eva no paraíso, a serpente
- 4, 1-16 : História de Caim e Abel
- C** 4,17 - 5,32 : Genealogia
- D** 6, 1-4 : Os gigantes
- E** 6,5 - 9,17 : História do dilúvio
- D** 9, 18-38 : Pequena história intercalada
- C** 10, 1-32 : Genealogia
- B** 11, 1-9 : História da Cidade e Torre de Babel

A 11, 10-32 : Genealogia.

^{xv} Mais detalhes sobre a leitura de Gênesis 1-11 veja: Ana Flora Anderson, Gilberto Gorgulho, Rafael Rodrigues da Silva e Pedro Lima Vasconcellos. *A História da Palavra I: A Primeira Aliança*. São Paulo: Paulinas, Valencia-Esp: Siquem, 2003 (capítulo V: A Torá e a Identidade do Povo); Carlos Mesters. *Paraíso Terrestre: saudade ou esperança?* Petrópolis: Vozes, 17^a. edição, 2001; Milton Schwantes. *Projetos de Esperança. Meditações sobre Gênesis 1-11*, Petrópolis: Vozes, 1989. Uma análise exegética e comparativa temos as três obras de José Severino Croatto: a) *El hombre en el mundo 1. Creación y designio. Estudio de Génesis 1:1-2:3. Biblioteca de Estudios Teológicos*. Editorial La Aurora, Buenos Aires, 1974 b) *Crear y amar en libertad. Estudio de Génesis 2:4-3:24 (El hombre en el mundo. vol II). Biblioteca de Estudios Teológicos*. Ediciones la Aurora. Buenos Aires, 1986 e c) *Exilio y Sobrevivencia. Tradiciones contraculturales em el Pentateuco. Comentario de Génesis 4, 1– 12,9*. Buenos Aires, Editorial Lumen, 1997. Eis algumas análises mais amplas: Marcelo Gleiser. *A dança do universo. Dos mitos de criação ao Big-Bang*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003; Jean Delumeau. *Uma história do Paraíso. O jardim das delícias*. Lisboa: Terramar, 1992 e *O que sobrou do Paraíso?* São Paulo: Companhia das Letras, 2003 e Paul Zumthor. *Babel ou o Inacabamento. Uma reflexão sobre o mito de Babel*. Lisboa: Editoria Bizâncio, 1998.